

Questões Centrais de Apocalíptica Judaica

Jewish Apocalyptic Central issues

Leonardo dos Santos Silveira

Resumo:

O presente artigo trata do estudo das principais questões sobre a apocalíptica judaica. Para tanto, primeiramente apresenta uma informação introdutória do caminho que a pesquisa tem seguido sobre essa temática. Depois, seguindo a tríade atual, mostra a apocalíptica como gênero literário de escritos judaicos e, depois cristãos, que abarcam um longo período de tempo. Continua com a escatologia apocalíptica como cosmovisão, que procura ver os planos divinos em relação as realidades que estão acontecendo no mundo. E também menciona o apocalipcismo, visto como movimento social que apresenta uma ideologia que utiliza uma estrutura oriunda dos apocalipses. Por fim, temos as considerações finais acerca das informações contidas no artigo.

Palavras-Chave: Apocalítica; Escatologia; Apocalipcismo; Judaísmo Antigo; Cristianismo Primitivo.

Abstract:

This article deals with the study of the main issues on the Jewish apocalyptic. Therefore, first presents an introductory path information that research has followed on this theme. Then, following the current triad shows apocalyptic as a literary writings of Jewish and then Christian, spanning a long period of time. Continues with the apocalyptic eschatology as a worldview that seeks to see the divine plans for the realities that are happening in the world. It also mentions the apocalipcism, seen as a social movement that has an ideology that uses a structure derived from apocalypses. Finally, we have the final considerations about the information in the article.

Keywords: Apocalyptic; Eschatology; Apocalipcism; Judaism Old; Primitive Christianity.

Introdução

Durante muito tempo o estudo da apocalíptica judaica foi alvo de um forte preconceito teológico, preconceito este que impediu a tarefa de reconstrução histórica, bem como o entendimento na pesquisa bíblica sobre a literatura apocalíptica. Dentre aqueles que contribuíram para esse tipo de visão estão Julius Welhausen e Emil Schürer que consideraram a apocalíptica como um produto do chamado judaísmo tardio e, portanto, algo sem valor, inferior aos profetas¹.

Logo, essa tendência foi seguida por pesquisadores em seu estudo acerca das fontes, ou seja, a indicação de fontes foi muitas vezes utilizada como modo de fazer julgamentos teológicos. A apocalíptica só seria legítima se fosse oriunda da profecia, caso fosse oriunda de fontes persas, a mesma não seria autenticamente bíblica. Para Collins, essa lógica não procede, pois para ele “as fontes a partir das quais se desenvolvem ideias não determinam o valor inerente dessas ideias”. Como exemplo, ele destaca que a mitologia² dos canaanitas e de outros povos do antigo Oriente Próximo foram utilizadas em ideias bíblicas centrais³.

Os cristãos utilizaram, a partir do século II, a expressão “apocalipse” para indicar todo o escrito semelhante ao apocalipse canônico, utilizando o nome deste para designar o estilo de escrever, isto é, o gênero literário⁴. Em virtude disso, a confusão semântica também permeia o estudo da apocalíptica judaica. O uso da palavra “apocalíptica” como substantivo foi usado a princípio no sentido de uma visão de mundo ou teologia definida de modo vago e independente de textos específicos⁵. Essa definição inicial não correspondia ao que de fato se encontrava nos apocalipses e foram feitas outras propostas de definição.

Hoje, as pesquisas acadêmicas abandonaram o uso do termo “apocalíptico” como substantivo e fazem uma distinção tríplice. Essa distinção foi proposta por Paul Hanson, que define o termo “apocalipse” como gênero li-

¹ COLLINS, J. J. *A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 18.

² Ainda existe muita resistência a ideia de que os apocalipses judaicos utilizaram motivos literários de natureza mitológica, ideia esta, baseada no entendimento de mito como algo falso ou pagão. COLLINS, J. J., op. cit., p. 42. Para uma pesquisa mais profunda acerca dessa questão. Cf. CROSS, F. M. *Canaanite Myth and Hebrew Epic*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.

³ COLLINS, J. J., op. cit., p.18 e 44.

⁴ SOARES, D. O. *A Literatura Apocalíptica: o gênero como expressão*. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião 7 (2008), p. 101.

⁵ COLLINS, J. J., op. cit., p. 18.

terário, “apocalipismo” um movimento social e “escatologia apocalíptica” como uma cosmovisão⁶.

Essa tríade também precisa, segundo Hanson, ser usada com a consciência que está se investigando um fenômeno judaico antigo e que, portanto, no contexto original dos escritos não havia essa separação das categorias por parte dos autores apocalípticos:

Ao usar tais ferramentas, é conveniente lembrar que os antigos escritores apocalípticos não distinguiram rigidamente entre gênero, perspectiva e ideologia, e disso conclui-se que essas categorias devem ser sempre utilizadas com uma grande sensibilidade para com a integridade e complexidade das composições em si mesmas⁷.

Em face disso, iremos enfatizar como questões centrais da apocalíptica judaica a diferenciação gerada por essa tríade, ou seja, o que se entende como “apocalipse”, “escatologia apocalíptica” e “apocalipismo”.

1. Apocalipse como gênero literário

O termo “apocalipse” define um gênero literário chamado de literatura apocalíptica que são escritos judaicos e, mais tarde cristãos, que começaram a surgir por volta do ano 200 a. C. indo até o ano 100 d. C.⁸. Os livros judaicos da literatura apocalíptica, oriundos do período do Segundo Templo, devem sua sobrevivência ao cristianismo primitivo.

Grupos cristãos copiavam e transmitiam esses escritos apocalípticos, o que significa dizer que ao se formular alguma teorização acerca do ajuste social e da função desses apocalipses deve-se reconhecer o fato de que o contexto em que eles sobreviveram é um contexto cristão⁹. Importante destacar que ao longo dos anos da era cristã, a produção de apocalipses continuou¹⁰.

⁶ HANSON, P. D. *Apocalypse, Genre; Apocalypticism*. In: CRIM, K. (Ed.). *IDBSup*, p. 27-34.

⁷ Idem. *Apocalypses and Apocalypticism*. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.), *ABD*, p. 279-292, v.1; aqui p. 279.

⁸ Embora muitos pensem, como Charlesworth, que a literatura apocalíptica judaica desapareceu depois do ano 100 d. C. para dar lugar ao legalismo rabinico. Existe um corpo de literatura apocalíptica que alcança o período medieval: Seper Zerubbabel, Tepillat Shim'on bem Yohai, Nishtarôt Rashbî, Seper 'Eliyyahu, Gedullat Mosheh, 3Enoque (Seper Hékalôt) e outros. Esses textos em sua maior parte são pós-talmúdicos, o que significa dizer que entre os anos 100 a 500 existe um grande vazio deste tipo de literatura. Sinal este da falta de interesse, na época talmúdica, por esse tipo de literatura. Cf. TREBOLLE B., J. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã**. Introdução à história da Bíblia. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 537-538.

⁹ VANDERKAM, J. C.; ADLER, W. (Eds.). **The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity**, p. 1.

¹⁰ O empréstimo apocalíptico utilizado na epístola de Judas de 1Enoque 1,9 e de Assunção de Moisés demonstra o fato de que seus leitores estavam familiarizados com esses livros.

O livro do Apocalipse de João é considerado o modelo para a definição do gênero em virtude dos seus primeiros versos (Ap 1.1-3) apresentarem uma estrutura típica: (1) uma revelação dada por Deus, (2) que utiliza um mediador, (3) para trazer uma mensagem a um visionário e, (4) sobre eventos futuros.

Na questão do apocalipse como gênero, a definição de John Collins se tornou referência no estudo posterior da apocalíptica, sendo sempre citada quando o assunto é tratado. Collins define apocalipse como:

um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que deslumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural.¹¹

Com base na definição, bem como no modelo extraído do Apocalipse de João, outros apocalipses são encontrados em Daniel 7-12; 1Enoque 14 e 15; 4Esdras 9.26 – 10.59; 11-12, 13; e Baruque 53-74 e muitos outros. Dentro da estrutura comum da definição, Collins distingue diferentes tipos de apocalipses. Em sua distinção básica há os apocalipses históricos e os de jornadas sobrenaturais¹². Os apocalipses históricos são caracterizados por visões, com interesse no desenvolvimento da história como 2Baruque, 4Esdras, Jubileus, Apocalipse das Semanas, Apocalipse Animal e Daniel.

Esses apocalipses possuem como meio de revelação a visão de um sonho simbólico (como em Daniel 2 e 7), a epifania, um discurso de um anjo, um diálogo de revelação, midrax, peshet, relato de revelação. Entre os conteúdos da revelação temos: profecia *ex-eventu* e predições escatológicas. As profecias *ex-eventu* podem ser de dois tipos: periodização da história (como em Daniel 2 e 7) e, profecia relativa a reinado¹³.

Já os apocalipses de jornadas sobrenaturais possuem um maior interesse em especulações cosmológicas. Dentre as jornadas sobrenaturais uma distinção é feita de acordo com sua escatologia: (1) uma revisão da história só aparece no Apocalipse de Abraão; (2) alguma forma de escatologia pública, cósmica

¹¹ COLLINS, J. J., Op. Cit., p.22. Essa definição também aparece em: COLLINS, J. J. (Ed.), **Apocalypse: Morphology of a Genre**, p.9. Cf. também COLLINS, J. J., **Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984, p.4. Essa definição também aparece em muitos livros como em: CUVILIER, E., **Los Apocalipsis del Nuevo Testamento**. Espanha: Verbo Divino, 2002, p. 6. As definições propostas por Collins tem sido aperfeiçoadas, reformuladas, ratificadas e também criticadas.

¹² O *Apocalipse de Abraão* é o único apocalipse judaico que combina os dois tipos, ou seja, uma jornada sobrenatural com uma revisão da história. Datado do fim do primeiro século d. C.

¹³ COLLINS, J. J., **Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature**, p. 6-14.

ou política aparece em vários apocalipses (1Enoque, 2Enoque, Testamento de Levi 2-5, Livro dos Vigilantes, Livro Astronômico e Similitudes); (3) alguns tem como ênfase principal o julgamento individual dos mortos como 3Baruque, Testamento de Abraão e o Apocalipse de Sofonias¹⁴.

Os apocalipses de jornadas sobrenaturais também podem ser chamados de viagens a outro mundo e possuem como meio de revelação a transposição do visionário e a narrativa de revelação. Já o conteúdo da revelação abrange listas de coisas reveladas, as visões das moradias dos mortos, cenários de juízo, visões de trono e, listas de vícios e virtudes¹⁵.

Na opinião de Gerhard Von Rad, a apocalíptica não representa um gênero único, mas um “*mixtum compositum*” do ponto de vista literário. Utilizando-se da história das formas ele entende que a apocalíptica é fruto de uma pré-história complicada do ponto de vista da história das tradições¹⁶. Collins concorda com Von Rad a respeito do fato de que um apocalipse contém várias formas subsidiárias como visão, orações e exortações, mas isso não pode excluir o fato de haver uma estrutura de gênero que amarra todos esses elementos. Ele cita como exemplo o livro de Daniel, que mesmo com seu caráter compósito, temos como alegar que o apocalipse é a forma dominante do livro¹⁷.

De forma semelhante, John Gammie argumenta que a literatura apocalíptica não constitui um único bloco, mas entende que as variadas formas literárias da apocalíptica devem ser classificadas como “subgêneros”:

Os subgêneros recorrentes da literatura apocalíptica são: comunicação de visão, vaticínio ex-eventu, parênese, gêneros litúrgicos (bênçãos, lamento, hinos e orações), sabedoria natural, estórias, fábulas, alegorias, diálogos, enigmas, mashal ou parábola, interpretação de profecia ou pesharim e previsões escatológicas¹⁸.

Portanto, a mentalidade apocalíptica incorpora, além do gênero apocalíptico, outros gêneros literários (como parábola, hino, testamento, oração e outros). Sendo que essas formas literárias não constituem extremos, isto é, macrogêneros como afirma Klaus Koch¹⁹ e nem subgêneros como ressalta Gammie, ou gêneros menores. O objetivo dessa mentalidade é uma expressão variada de

¹⁴ COLLINS, J. J., **A Imaginação Apocalíptica**, p. 25.

¹⁵ Idem. **Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature**, p. 14-19.

¹⁶ VON RAD, G., **Teologia del Antiguo Testamento**. 7. ed. Biblioteca de Estudios Bíblicos 12. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2000. vol. 2, p. 400.

¹⁷ COLLINS, J. J., Op. cit., p. 23. Essa argumentação se encontra na nota 13 do livro.

¹⁸ GAMMIE, J. G. *The classification, stages of growth, and changing intentions in the book of Daniel*. **Journal of Biblical Literature**, Atlanta, SBL, vol. 95, n. 2, p. 191-204, June 1976, p. 193.

¹⁹ KOCH, K., **The rediscovery of apocalyptic**. Naperville: Alec R. Anderson, 1972, p. 28-33.

um pensamento dominante (o apocalíptico), de uma determinada concepção da realidade e a explicação de seu sentido mediante vários gêneros literários.

2. Escatologia apocalíptica como cosmovisão

Já a “escatologia apocalíptica” é vista como uma “perspectiva religiosa, uma cosmovisão em que se vê os planos divinos em relação com realidades terrenas ou mundanas”²⁰. Essa cosmovisão não é exclusividade de um grupo religioso ou um grupo político específico, mas pode ser adotada por diferentes grupos em épocas diferentes e em diferentes níveis. Essa cosmovisão é diferente dos profetas veterotestamentários os quais concebiam uma reabilitação da ordem presente. Ao contrário disso, essa cosmovisão implica o fim da ordem presente através de uma destruição, ou seja, a ação salvífica de Deus é concebida como uma realização fora dessa ordem presente, dentro de uma nova realidade²¹. A escatologia apocalíptica refere-se, num primeiro momento ao tipo de escatologia encontrada no livro de Apocalipse, onde o termo ocorre no versículo de abertura.

Essa realidade é dividida em duas eras: uma má, ou seja, esta era e, a outra era de justiça, retidão e paz que é a era futura. Como exemplo, temos o texto de 4Esdras 7.50: “Por esta razão, o Altíssimo não fez uma era, mas duas”²². Por causa de textos como esse, muitos estudiosos como Philipp Vielhauer²³, Paul Hanson²⁴ e D. S. Russell²⁵, entendem que a principal característica da escatologia apocalíptica é o dualismo escatológico das duas eras.

Esse dualismo é chamado de “escatológico” em virtude de envolver a substituição de uma vez por todas “desta era”, que é completamente má, pela “era que está por vir”. A realidade do pecado, do mal e da morte são realidades “desta era”, enquanto que justiça, o bem-estar e a verdadeira vida pertencem a “era que está por vir” ou seja, a época e a realidade divina. Sendo assim, na apocalíptica judaica a terra é o lugar “desta era”, enquanto que o céu é o lugar

²⁰ HANSON, P. D. *Apocalypse, Genre: Apocalypticism*. In: CRIM, K. (Ed.), *IDBSup*, p. 29.

²¹ Isaías 65.17 é um exemplo disso: “Com efeito, criarei novos céus e nova terra; as coisas de outrora não serão lembradas, nem tornarão a vir ao coração”.

²² CHARLESWORTH, J. H., *OTP*, v. 1, p. 538.

²³ VIELHAUER, P. *Introduction to Apocalypses and Related Subjects*. In: SCHNEEMELCHER, W. (Ed.), *New Testament Apocrypha*. v. 2. Kentucky: The Westminster John Knox Press, 2003., v. 2, p. 549.

²⁴ HANSON, P. D. *The Dawn of Apocalyptic: The Historical and Sociological Roots of Early Jewish Apocalyptic Eschatology*. Philadelphia: Fortress Press, 1979, p. 432 e 440.

²⁵ Russell escreveu: “a visão dualista deste mundo, que é característica da escatologia apocalíptica, encontra expressão na doutrina das duas eras.” Cf. RUSSELL, D. S. *The method and message of Jewish apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964, p. 269.

“da era que está por vir” ou “era vindoura”. Com isso, temos que o dualismo das duas eras tem duas dimensões: uma espacial e outra temporal²⁶. É importante ainda ressaltar que outros gêneros literários também apresentam a escatologia apocalíptica, isto significa que ela não é limitada aos apocalipses.

Martinus de Boer divide o dualismo de duas eras em dois modelos²⁷. O primeiro é o modelo cosmológico que ressalta o fato de que o mundo criado caiu sobre os poderes do mal e por isso está dominado agora por poderes angélicos, oriundos de tempos antigos, ou seja, da época de Noé. Somente através do juízo final as forças cósmicas do mal serão finalmente derrotadas e destruídas por Deus. Depois dessa vitória finalmente os eleitos de Deus, os remanescentes, viverão em uma nova era em que Deus reinará sem oposição. Um exemplo dessa escatologia pode ser vista no livro intitulado Ascensão de Moisés 10.1.3: “Então seu reino aparecerá em toda a criação; e então o Diabo será exterminado e a tristeza com ele desaparecerá. Pois o Celeste levantar-se-á de seu trono real, e sairá de sua santa morada, com indignação e ira por causa de seus filhos”²⁸.

O segundo modelo é o forense ou judicial que é uma modificação do modelo cosmológico onde a noção do mal e das forças cosmológicas está ausente, isso porque a ênfase está agora sobre a vontade livre e a decisão humana individual. Sendo assim, o pecado é uma rejeição a Deus como criador e a consequência disso é a morte, que é a punição deste pecado. O remédio para essa questão é a lei e tudo depende da postura que a pessoa vai ter diante da lei, porque Deus vai julgar cada um, como juiz no juízo final, segundo a obediência a essa lei dada por ele. O texto de 2Baruque, nos serve de exemplo, porque ressalta a queda e a responsabilidade de Adão: “Pois, em primeiro lugar Adão pecou e trouxe a morte a todos os que não estavam em seu próprio tempo, mas cada um deles que nasceu dele foi preparado por si mesmo para o tormento vindouro. E mais, cada um deles escolheu para si a glória eterna”²⁹.

Os documentos de Qumran trazem uma exposição sistemática de uma escatologia apocalíptica por meio de ambos modelos de dualismo apresentados acima de forma misturada, ou seja, se encontra tanto uma guerra escatológica contra Belial e seus exércitos, como o julgamento divino sobre os seres humanos com base em suas ações e obras (Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, 1QS

²⁶ DE BOER, M. *Escatologia Apocalíptica e o Novo Testamento*. In: Estudos de Religião 19 (2000), p. 88.

²⁷ Ibidem. p. 91-94.

²⁸ CHARLESWORTH, J. H., *OTP*, v.1, p. 931-932.

²⁹ Id. Ibid, p. 640.

3,15-23; 4,23)³⁰. Os membros da comunidade viviam em um ambiente escatológico bastante acentuado³¹.

Esses dois modelos da escatologia apocalíptica judaica permeiam o *corpus* neotestamentário. Eles são usados para anunciar as boas-novas de Jesus Cristo como ação escatológica e retificadora do cosmo de Deus. Por isso, Jesus Cristo em sua totalidade (sua vinda ao mundo, bem como seu retorno futuro próximo) é o evento apocalíptico-escatológico por excelência³². Temos, por exemplo, a linguagem das duas eras expressa em muitos textos neotestamentários³³.

Não há como negar que existe um tipo de escatologia apocalíptica, sendo que questões escatológicas são frequentemente primárias na apocalíptica, mas não o tema exclusivo dela³⁴. Ela é adotada e adaptada pelos autores do Novo Testamento em diferentes graus. Contudo, existe hoje uma lacuna na pesquisa acadêmica acerca da adaptação e do uso destes dois modelos da apocalíptica judaica no Novo Testamento³⁵.

3. Apocalipcismo como movimento social

O “apocalipcismo” é o termo utilizado para definir “o universo simbólico dentro do qual um movimento apocalíptico codifica sua identidade e interpretação da realidade”³⁶. Esse universo se desenvolve como um protesto contra uma sociedade dominante. Para isso, se adota a perspectiva da escatologia apocalíptica como uma estratégia de esperança e sobrevivência. Portanto, esse universo serve como resposta a essa situação, mas como esse movimento se expressa de diversas maneiras como resultado de condições históricas que variam é difícil dar uma definição precisa sobre o apocalipcismo.

Já John Collins define apocalipcismo como “a ideologia de um movimento que compartilha a estrutura conceptual dos apocalipses”, e sustenta “a visão de mundo na qual a revelação sobrenatural, o mundo celestial, e o julgamento

³⁰ BOCCACCINI, G. **Além da Hipótese Essênica: A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 91-95.

³¹ MARTÍNEZ, F. G.; BARRERA, T. J. **Os Homens de Qumran: Literatura, Estrutura e Concepções Religiosas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 90.

³² DE BOER, M. *Escatologia Apocalíptica e o Novo Testamento*. In: **Estudos de Religião** 19 (2000), p. 94.

³³ Ver, por exemplo, Mc 10.30; Mt 12.32; Lc 18.30; Ef 1.21; 2.7; Hb 6.5.

³⁴ COLLINS, J. J., **A Imaginação Apocalíptica**, op. cit., p.32.

³⁵ DE BOER, M. *Escatologia Apocalíptica e o Novo Testamento*. In: **Estudos de Religião** 19 (2000), p. 95.

³⁶ DE BOER, M. *A Influência da Apocalíptica Judaica sobre as Origens Cristãs*. In: **Estudos de Religião** 19 (2000), p. 13.

escatológico ocupam partes essenciais³⁷. Na relação entre os apocalipses e o apocalipcismo, Klaus Koch procura demonstrar que a apocalíptica faz parte de um movimento histórico ao selecionar oito temas ou motivos literários, são eles: (1) expectativa iminente de destruição das condições terrestres em um futuro imediato; (2) o fim como uma catástrofe cósmica; (3) periodização e determinismo; (4) a ação de anjos e demônios; (5) catástrofe, seguida por uma salvação paradisíaca; (6) entronização de Deus e manifestação de seu reino; (7) um mediador com funções reais e; (8) a glória da era que virá³⁸.

Para Hanson, os movimentos apocalípticos podem ser classificados em dois: um grupo marginalizado ou oprimido dentro de uma sociedade, ou uma nação inteira debaixo do jugo de um poder estrangeiro (como em Daniel 7-12)³⁹. Com isso, a alienação seria a base do apocalipcismo e, a resposta a esta situação, a adoção da perspectiva da escatologia judaica⁴⁰. O sentimento de alienação da ordem presente é fundamental para muitos apocalipses, especialmente do tipo histórico.

Isso significa que Hanson segue o pesquisador alemão Otto Plöger de que a apocalíptica serviu de alternativa para os grupos oprimidos e alienados da sociedade judaica. Eles receberam uma nova identidade por meio da compreensão da existência humana oferecida pela apocalíptica, com sua interpretação do mundo e do futuro⁴¹.

O apocalipcismo judaico tem como foco principal a região da Palestina embora sua área de atuação não se limitasse a ela. A cosmovisão oriunda desse movimento parece ser um reflexo da história sócio-econômica e política do judaísmo do período helenístico-romano. Por isso, a formação do apocalipcismo teve como contribuição as medidas de coerção política, econômica e religiosa decorrentes da intensa helenização forçada da Judeia sob o selêucida Antíoco IV Epifanes⁴². É bem verdade que essas medidas não podem ser consideradas os

³⁷ COLLINS, J. J., *From Prophecy to Apocalypticism: The Expectation of the End*. In: **The Encyclopedia of Apocalypticism: The Origins of Apocalypticism in Judaism and Christianity**. New York: Continuum, 1998, vol.1, p. 147.

³⁸ KOCH, K. Op. Cit., p. 28-33.

³⁹ HANSON, P. D. **The Dawn of Apocalyptic: The Historical and Sociological Roots of Early Jewish Apocalyptic Eschatology**. Philadelphia: Fortress Press, 1979, p. 434-435.

⁴⁰ A ideia de que a apocalíptica teve como origem grupos oprimidos tem sido questionada por alguns. Exemplo disso é Ludovico Garmus, que ao fazer uma análise do texto de Ezequiel 38-39 diz que este tem características apocalípticas e procede de um grupo sacerdotal. Por isso, não se pode excluir os sacerdotes como promotores do apocalipcismo. Cf. GARMUS, L. *Traços apocalípticos em Ezequiel 38-39*. In: Apocalíptica. **Estudos Bíblicos** 65 (2000), p. 35-47.

⁴¹ OTZEN, B. **O Judaísmo na Antiguidade**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 220.

⁴² STEGEMANN, E. K.; STEGEMANN, W. **História Social do Protocristianismo**. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 173.

únicos fatores, uma vez que se percebe na composição dos escritos influências estrangeiras (babilônica e persa)⁴³.

O apocalipcismo como corrente religiosa, encontra abrigo principalmente em Qumran, no Testamento dos Doze Patriarcas e no Novo Testamento. Escritos estes que se apresentam literariamente diferente dos apocalipses, pelo menos em parte. No caso da comunidade de Qumran, por meio da análise de seus manuscritos, ela é definida como sendo “uma comunidade apocalíptica, que teve sua origem no ambiente dos movimentos apocalípticos, muito difundidos naquela época”⁴⁴.

4. Considerações Finais

O conhecimento da apocalíptica judaica é importante para entender os textos neotestamentários. Esse conhecimento é hoje em dia muito aplicado aos livros apocalípticos da Bíblia (Daniel e Apocalipse de João). Na busca dessa tarefa, primeiramente, é necessário entender a tríade pela qual é norteados o estudo da apocalíptica judaica hoje. Assim, é vital o entendimento de que o termo apocalipse define um gênero literário de escritos judaicos e, depois cristãos, que abarcam um longo período de tempo, isto é, do ano 200 a. C. até o ano 100 d. C. Escritos esses, que foram preservados pelos cristãos e em alguns círculos até vistos como Escritura.

Outro termo dessa tríade é escatologia apocalíptica que é uma cosmovisão que procura ver os planos divinos em relação as realidades que estão acontecendo no mundo. Essa cosmovisão dualista da realidade aparece como um tema importante na apocalíptica. Por fim, vimos que o termo apocalipcismo é definido como um movimento social, que apresenta uma ideologia que utiliza uma estrutura oriunda dos apocalipses.

43 Collins analisa essas influências. Para ele o material babilônico tem uma contribuição significativa principalmente porque a revelação apocalíptica tem certa semelhança com a adivinhação e elucidação de sinais misteriosos. Já no caso da influência persa os paralelos são de natureza mais abrangente do que os tomados das profecias babilônicas e o que quer que tenha sido tomado de empréstimo, como a periodização da história, foi rigorosamente modificado e integrado a outras correntes de pensamento. Há bastante apoio de influência persa no caso dos rolos de Qumran. Hoje muitos autores apresentam certa resistência sobre essa influência em virtude da dificuldade de se datar o material persa. Cf. COLLINS, J. J., **A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 52-61.

44 GARCÍA MARTINEZ, F.; TREBOLLE BARRERA, J., *Os Homens de Qumran*, p. 81.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRERA, T. J. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã**. Introdução à história da Bíblia. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1995.
- BOCCACCINI, G. **Além da Hipótese Essênia: A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico**. São Paulo: Paulus, 2010.
- CHARLESWORTH, J. H. (Ed.). **The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, vol. 1, 1913.
- COLLINS, J. J. **A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 2010.
- COLLINS, J. J. (Ed.). **The Encyclopedia of Apocalypticism: The Origins of Apocalypticism in Judaism and Christianity**. New York: Continuum, vol.1, 1998.
- _____. **Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984.
- COLLINS, J. J.; CHARLESWORTH, J. H. (Ed.). **Mysteries and Revelations: Apocalyptic Studies since the Uppsala Colloquim**. Sheffield Academic Press, 1991.
- CROSS, F. M. **Canaanite Myth and Hebrew Epic**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.
- CUVILIER, E. **Los Apocalipsis del Nuevo Testamento**. Espanha: Verbo Divino, 2002.
- DE BOER, M.; NOGUEIRA, P. S. N. Apocalíptica e as Origens Cristãs. **Estudos de Religião** 19, 2000. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- FREEDMAN, D. N. (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, vol. 1, 1992.
- GAMMIE, J. G. *The classification, stages of growth, and changing intentions in the book of Daniel*. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta, SBL, vol. 95, n. 2, p. 191-204, June 1976.
- GARMUS, Ludovico (Ed.). Apocalíptica. **Estudos Bíblicos** 65. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, 2000.
- HANSON, P. D. **The Dawn of Apocalyptic: The Historical and Sociological Roots of Early Jewish Apocalyptic Eschatology**. Philadelphia: Fortress Press, 1979.
- KOCH, K. **The rediscovery of apocalyptic**. Naperville: Alec R. Anderson, 1972.
- MARTÍNEZ, F. G.; BARRERA, T. J. **Os Homens de Qumran: Literatura, Estrutura e Concepções Religiosas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

- OTZEN, B. **O Judaísmo na Antiguidade**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- RUSSELL, D. S. **The method and message of Jewish apocalyptic**. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.
- SCHNEEMELCHER, W. (Ed.). **New Testament Apocrypha**. Kentucky: The Westminster John Knox Press, vol. 2, 2003.
- SOARES, D. O. *A literatura apocalíptica: o gênero como expressão*. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, PUC Minas, v.7, n.13, p. 99-113, dez. 2008.
- STEGEMANN, E., W. **História Social do Protocristianismo**. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- VON RAD, G. **Teologia del Antiguo Testamento**. 7. ed., Biblioteca de Estudios Bíblicos 12. Salamanca: Ediciones Sigueme, vol. 2, 2000.

Leonardo dos Santos Silveira

Doutorando em Teologia pela PUC-Rio. Mestre em Teologia pela PUC-Rio. Especialista em Teologia Bíblica (FSB-RJ), Especialista em Estudos Clássicos (UnB), Especialista em Ciências da Religião (UNESA), Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão na EaD (UFF), Bacharel em Teologia (FAECAD), Graduado em Licenciatura em História (UNESA), Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados (UNIGRANRIO). Professor da Graduação em Teologia e dos cursos de

Pós-graduação da FAECAD

E-mail de contato: prof.leosansil@gmail.com.